

**“Fé, trabalho e suor” ou “ferro, fogo e sangue”? Análise do filme “1492 –  
a conquista do paraíso” (1992)**

"Faith, work and sweat" or "iron, fire and blood"? Analysis of the film "1492  
- the conquest of paradise" (1992)

Jander Fernandes Martins<sup>1</sup>

**Resumo**

O presente artigo objetiva analisar o filme *1492 – A conquista do paraíso*. Para tal, recorreu-se a pressupostos teóricos da área de concentração em: Cultura, Representação e Identidade. A partir destes marcos teórico, realizou-se a análise de discurso à luz do postulado de Charaudeau (2012). Seguindo este protocolo metodológico, nos permitiu captar e apreender mais do que Enunciadores e Interpretantes, se constatou que o “fato histórico”, do descobrimento da América, reproduzido cinematograficamente, se pautando em um *slogan* de “fé, trabalho e suor”, ao ser analisada e posto em xeque, à luz dos teóricos que nos respaldam, revelou ser uma relação dialética vertical, na qual o verdadeiro *slogan* que melhor representaria tal encontro histórico, de um lado europeus, do outro, *ameríndios*, seria “a fogo, ferro e sangue”.

**Palavras chaves:** Cultura; Identidade; Representação; Processos e Manifestações Culturais; Interdisciplinaridade.

**Abstract**

This article aims to analyze the movie *1492 - Conquest of Paradise*. For this, we used the theoretical assumptions of the concentration area: Culture, Identity and Representation. From these theoretical frameworks, there was discourse analysis in the light of Charaudeau postulate (2012). Following this methodological protocol, allowed us to capture and seize more than Enunciators and Interpretants, it was found that the "historical fact", the discovery of America, played cinematically, if and are based on a slogan of "faith, work and sweat" to be analyzed and put into question, in the light of theoretical we they support, proved to be a vertical dialectical relationship, in which the true slogan that best represent this historic meeting, a European side, on the other, Amerindians would be "the fire, iron and blood".

**Key words:** Culture; Identity; Representation; Cultural Processes and Manifestation; Interdisciplinarity.

**Introdução**

O presente artigo<sup>2</sup> versa sobre as temáticas: Cultura, Representação e Identidade. A partir destes marcos teórico, objetiva-se analisar o filme *1492 – A conquista do*

---

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-graduação em Processos e Manifestações Culturais - FEEVALE.

<sup>2</sup>Para a realização deste artigo, registra-se a valiosa contribuição de Vitória Duarte Wingert, acadêmica do curso de História na Universidade FEEVALE.

*paraíso*<sup>3</sup>. Para tal, recorreram-se ao arcabouço teórico de autores como Charaudeau (2012), Canclini (2000), Geertz (1989), Hall (1997; 2006), Woodward (2012) e Todorov (2003) os quais, em nosso entendimento, nos permitirão realizar os devidos recortes, aproximações e diálogos entre os conceitos teóricos que fundamentam o entendimento das categorias supracitadas.

Também com isto, acreditamos que tais escolhas nos permitirão, metodologicamente, realizar a análise do objeto fílmico elegido com maior profundidade, o que nos levará, a novas interpretações e consequentemente, novas reflexões. O presente texto está organizado da seguinte forma: exporemos sobre nosso entendimento de *cultura*, a seguir, o que se entende por *representação*, para que então, possa-se discorrer sobre a *noção de Identidade* que consubstancia este trabalho. Para que então, posteriormente, faz-se a análise do objeto fílmico escolhido.

### O tripé conceitual

Introduzido a discussão que aqui nos propomos realizar, este item será destinado a discorrer algumas considerações sobre os três conceitos-chaves que irão balizar a análise fílmica. Deste modo, iniciamos explanando o conceito de *cultura* que permeia esta proposta de trabalho. Posteriormente, dedicaremos algumas linhas acerca do que entende-se por *representação* e, por fim, concluimos nossa fundamentação teórica, versando sobre *Identidade*.

Desde já, esclarece-se que, nenhuma destas categorias é aqui entendida de forma isolada, binária, dualística, tripartida. Ao contrário, afirmamos, peremptoriamente, que há uma relação imbricada entre estes conceitos-chaves, pois que, partindo do entendimento que *a cultura se manifesta através da linguagem* e, é por meio desta relação que os diferentes processos e manifestações culturais<sup>4</sup> se instituem no mundo, proporcionando contextos e situações passíveis de se construir *Identidade* (esta na

---

<sup>3</sup> O título do filme: 1492 - a Conquista do Paraíso (1492: conquest of paradise, 1992) Direção: Ridley Scott Elenco: Gérard Depardieu, Sigourney Weaver, Armand Assante, Ângela Molina, Fernando Rey, Tcheky Kario, 150 min. Vídeo Arte. Site: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-7590/creditos/>

<sup>4</sup>Pensa-se que a melhor definição deste conceito seria o proposto por Saraiva *et al* (s/d, grifos meus): **processos culturais** abrangem, em uma acepção ampla, as práticas humanas e suas manifestações, como os conhecimentos, as crenças, os valores, os costumes, as artes, a tecnologia, que podem ser analisadas como representações simbólicas. A noção de processo decorre do fato de a cultura ser dinâmica e de estar ligada às transformações sócio-históricas em que interagem relações de causa e de consequência.

relação dialética entre o EU-OUTRO). (CANCLINI, 2000; CHARAUDEAU, 2012; GEERTZ, 2008; HALL, 1997; 2006; WOODWARD, 2013)

Também entendemos que é por meio destas relações entre cultura-representação-identidade mediadas pela linguagem, onde se revela e testemunha-se o (e no) mundo. (CANCLINI, 2000; CHARAUDEAU, 2012; GEERTZ, 2008; HALL, 1997; 2006; WOODWARD, 2013) é, portanto, partindo deste entendimento, que se colocará em xeque, o objeto analisado, no sentido de constatar se, realmente, foram estes processos e manifestações culturais que ocorreram no encontro (ou seria embate?) entre europeus, de um lado, e povos ameríndios, do outro. (TODOROV, 2010)

## **Cultura**

Esclarecemos que, *não há um único conceito/definição de cultura* que, por si só, dê conta de todo o processo, manifestação e mecanismos passíveis de serem identificados como cultural. Pois, esta, tanto em sua dimensão de processos quanto de suas possibilidades de manifestações, podem, são e devem ser abordadas de diferentes focos, perspectivas. Um exemplo bem sucinto: para Wagner (2012), *cultura é invenção*, já para Geertz (2008) *a cultura é interpretação* e, para sociólogos e antropólogos pós-modernos *ela é representação*. Portanto, como se percebe, qualquer um dos vieses pode, até um determinado ponto, contribuir para uma análise de qualquer processo e manifestação cultural. Entretanto, aqui elegemos dois autores para discorrerem sobre cultura, a saber, Stuart Hall, (1997) e Clifford Geertz (1989)

Partimos, então, do entendimento de Geertz (1989, p. 10, grifos meus), para o qual cultura pode ser entendida como:

[...] *sistemas entrelaçados de signos interpretáveis* (o que eu chamaria símbolos, ignorando as utilizações provinciais) [...] a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos: *ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível* – isto é, descritos com densidade.

Como se percebe, para o autor estes sistemas simbólicos entrelaça-se e com isso, superando, em seu entendimento, outras formas de compreensão acerca de cultura, pois como destacado acima, trata-se de *contexto* e é no interior deste que tudo pode proceder e se manifestar.

No entanto, para chegar neste entendimento o autor toma como postulado, autores mais clássicos, como por exemplo, Max Weber, assim como faz uso de outras áreas do conhecimento, como a semiótica. Nas palavras do autor:

O conceito de cultura que eu defendo [...] *é essencialmente semiótico*. Acreditando, como Max Weber, [...] *assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise*; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como *uma ciência interpretativa, à procura do significado*. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície. (GEERTZ, 1989, p. 4, grifos meus)

Portanto, fica claro que para o autor se trata de uma *cultura semiótica*, o que lhe possibilita tratá-la como uma *ciência interpretativa*, a qual busca constantemente interpretar os *significados* das diferentes expressões sociais, ou melhor, dos processos e manifestações culturais que cada instituição, sociedade, grupo, etc. criam, apresentam e formam uma teia, ao serem analisados.

## **Representação**

Explicitado nosso entendimento sobre Cultura, acima, parte-se para uma possível interpretação/entendimento do que vem a ser Representação<sup>5</sup>. Para tal, elegeu-se Stuart Hall (1997) para balizar as considerações que se seguem.

Elegemos este autor, porque, ao propor um entendimento de representação, este conceito é aproximado de outros dois, quais sejam: identidade e cultura. Cabe salientar que, para ele, cultura é um “conjunto de valores ou significados partilhados” (HALL, 1997, p. 2), o que evidentemente, abre caminho para sua proposição de que, o “conceito de representação conecta o significado e linguagem à cultura” (HALL, 1997, p.1). E é esta “representação” o elemento essencial no processo no qual os significados são produzidos na cultura, ou melhor, em seu interior, visto que, para ele “cada prática social ocorre no ‘interior da cultura’” (HALL, 1997, s/d, n.p.).

Para este sociólogo e teórico cultural, uma das teorias que subsidiam seu entendimento e melhor colabora para o entendimento de representação é a “teoria

---

<sup>5</sup> Cabe destacar que, esta categoria é entendida segundo o postulado do “circuito da cultura”, proposto por Stuart Hall e outros colaboradores (1997; 2004; 2013), também abordaremos e nos orientaremos sob a égide do postulado de Charaudeau (2012), para o qual a representação, à luz da semiolinguística, parte do postulado de que é a linguagem em suas características (transparente e opaca) estabelecem as circunstâncias do discurso, portanto, linguagem, representação, identidade manifestam-se na cultura. Porém, neste capítulo nos deteremos sobre o primeiro autor, nos apropriando do postulado teórico deste último mais adiante no decorrer do texto e da análise do objeto fílmico.

construcionista”. Isto porque, segundo esta premissa, a significação é construída na linguagem e, esta é constituída a significação. Isto quer dizer que, para HALL (1997) a linguagem é produto social, pois é na interação dos sujeitos que se constitui a representação, mediada sempre pela linguagem.

Resumindo, para HALL (1997), é a linguagem que produz os significados, esta por sua vez delimita o sistema de representação. E este desenrolar de entendimento, seria possível a partir de alguns recursos, como a “linguagem visual” e a “construção de estereótipos”. Mais ainda, estas relações só poderiam ser captadas e analisadas a partir de uma interpretação e, como decorrência desta, da produção de sentidos.

Neste sentido, outros elementos ganham respaldo e alicerçam o seu entendimento de representação, por exemplo, a necessidade de se apelar para a “semiótica” e desta, debruçar-se sobre as “noções de denotação e conotação”, as quais, segundo este pesquisador jamaicano, iriam orientar as “interpretações culturalistas dos processos sociais” (entendidas por nós, enquanto processos e manifestações culturais) e assim, o seu “circuito cultural” se estabelece conceitualmente.

Pois bem, já discorremos sobre Cultura, segundo o entendimento de Geertz (1989), e sobre Representação, na perspectiva de HALL (1997). Esquemas conceituais basilares para toda e qualquer proposta de análise dos mais variados processos e manifestações culturais passíveis de serem captados pelo sujeito em um determinado contexto, seja ele político, filosófico e/ou histórico. Porém, cabe ainda discorrer sobre outro elemento constituinte destes processos, a saber, a “identidade”.

## **Identidade**

Dando continuidade a nossa proposta, até aqui se discorreu sobre dois dentre os três (3) grandes conceitos-chaves basilares para nossa análise fílmica. Como já insinuado, em cada uma destas perspectivas, a Linguagem (e o discurso), à luz do postulado de Charaudeau (2012), é o que institui/testemunha/significa o mundo através do sujeito, permitindo com isso que se possam analisar os processos e manifestações culturais diversas.

Neste sentido, ao se falar de “identidade(s)”, se está falando de sujeitos, da relação entre o EU e o OUTRO e, nesta relação (dialética), que construímos/constituímos/instituímos uma Identidade.

Deste modo, para melhor fundamentar nosso entendimento sobre Identidade, cabe destacar, partimos do suposto em que a *identidade* encontra-se inserida no que denominam como “circuito da cultura” (*vide* figura abaixo), proposto por Paul Du Gay, Stuart Hall e outros colaboradores (1997):



Para discorrer sobre “Identidade”, primeiramente, tem-se que abordar alguns elementos caros no entendimento deste autor, como por exemplo, o fato de para ele haver uma “identidade cultural”, inserida em um contexto que ele denomina como “modernidade tardia” e que, neste contexto, “as identidades modernas estão sendo descentrada”, isto porque, há uma “perda de um sentido de si” que, antes era estável, e hoje, ao contrário se encontra “deslocada, descentrada do sujeito” (HALL, 2006, pp. 7-9). Para chegar nesta constatação, o autor apresenta três tipos de sujeitos (IDEM, pp. 10-14)<sup>6</sup> e que, enquanto sujeito, sempre falamos de uma posição histórica e cultural específica.

Ampliando o dito acima, Woodward (2012, p. 16), propõe que para se discutir “identidade”, é necessário também se falar em “diferença”. Mas para que isto seja possível, deve-se levar em consideração o fato de que identidade e representação estejam intrinsecamente imbricadas.

Para melhor explicar este entendimento, a autora busca primeiramente em Hall (1997 *apud* Woodward, 2012, p. 16, grifos meus)<sup>7</sup> os elementos que lhe permitem

<sup>6</sup> Os sujeitos definidos por Stuart Hall são: sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno.

<sup>7</sup> A autora parte da seguinte contribuição do sociólogo jamaicano “[...] ao se examinar sistemas de *representação* é necessário analisar a *relação entre cultura e significado* [...]”.

esclarecer tais questões e, a partir dele, discorre elucidativamente de como vamos nos tornando sujeitos com identidade (s). Nas palavras da autora:

Só podemos compreender os *significados* envolvidos nesses sistemas se tivermos alguma ideia sobre quais *posições de sujeitos* eles produzem e como nós, como sujeitos, podemos ser posicionados em seu interior. [...] A *representação* inclui as *práticas de significação* e os *sistemas simbólicos* por meio dos quais os significados são produzidos, *posicionando-nos como sujeito*. (Woodward, 2012, pp. 16-17, grifos meus)

Ora, fica evidente a partir dos termos acima destacados que os elementos essenciais no processo de constituição desta “identidade” não podem ser resumidos apenas a uma constatação ou simples definição de que dependem da “linguagem, do discurso e/ou da cultura propriamente dita”. Ao contrário, é preciso que se leve em consideração as posições que assumimos em um determinado tipo de relação e nesta, quais as representações são instituídas e produzidas, para que então, se possa verificar e identificar nosso posicionamento enquanto sujeito e assim, dar-mo-nos conta de que sou um EU em uma relação com um OUTRO, testemunhando-nos por meio práticas de significação, as quais, entendemos aqui como processo de constituição/consolidação identitária, obviamente, “mediados pela linguagem” a partir da construção de determinadas “circunstâncias do discurso”(CHARAUDEAU, 2012)

Um pouco mais, ainda segundo Woodward (2012), a identidades, inicialmente, podem ser distinguidas entre “individuais e coletivas”, mas ao se aprofundar a questão, ter-se-á outras implicações, para além destas, tais como “mudanças sociais, mudanças políticas, a história”. Para ela, “as identidades são produzidas em momentos particulares do tempo” (IDEM, p.39), isto porque,

[...] Por um lado, a identidade é vista como tendo algum núcleo essencial que distinguiria um grupo de outro. Por outro, a identidade é vista como contingente; isto é, como o produto de uma intersecção de diferentes componentes, de discursos políticos e culturais e de histórias particulares.

No entanto, para além de uma posição dicotômica (nós e eles), há outro elemento demarcativo, qual seja: *a diferença* (tanto em sua dimensão simbólica quanto social). Pois, segundo a autora, “[...] a marcação da diferença é crucial no processo de construção das posições de identidades” (IDEM, p.40). E neste sentido, a ela é taxativa ao frisar que “identidade e diferença” não são definições/conceitos opostos, na verdade, “a identidade depende da diferença”.

E é se pautando nesta noção de diferença que a autora apresenta pelo menos duas distinções: “eu-outro; nós-eles”. Mas vai além, a autora busca em outros autores de renome exemplos que lhe permitem constatar esta sua postulação, como exemplo, Durkheim e a noção de profano e sagrado, Levi-Strauss e a relação cru e cozido. E com isso, ela constata que “os sistemas classificatórios são, assim, construídos, sempre, em torno da diferença e das formas pelas quais as diferenças são marcadas”. (WOODWARD, 2012, p. 54)

Ou seja, conforme diz:

A diferença pode ser *construída negativamente* – por meio da exclusão ou da marginalização daquelas pessoas que são definidas como os ‘outros’ ou forasteiros. Por outro lado, ela *pode ser celebrada* como fonte de diversidade, heterogeneidade, hibridismo, sendo vista como enriquecedora [...] (WOODWARD, 2012, p. 50, grifos meus)

Neste sentido, que podemos desdobrar todo o processo de construção, constituição e instituição de (uma) identidade (s), pois, de acordo com as situações e os tipos de práticas de significação produzidas, ter-se-á um determinado posicionamento como sujeito, marcando-nos e marcando o “outro ou eles”. Logo,

*É aqui que a representação se liga à identidade e à diferença. A identidade e a diferença são estreitamente dependentes da representação. É por meio da representação, assim compreendida, que a identidade e a diferença adquirem sentido.* (SILVA, 2012, n.p., grifos meus)

Portanto, ao se discorrer sobre identidade, é imprescindível falar de “representação” e “diferença”, ou seja, demarca-se a identidade e a diferença somente a partir do momento em que as representamos. Mas para tal, em nosso entendimento há uma situação/elemento-chave, a saber, a linguagem, ou melhor, “as circunstâncias do discurso” (CHARAUDEAU, 2012) e é sobre estes elementos que dedicaremos as próximas linhas.

### **Análise do filme “1492 – a conquista do paraíso”**

Até este ponto, buscou-se discorrer sobre conceitos chaves, em nosso entendimento, caros na construção dos alicerces teóricos que fundam nossa análise fílmica. Assim, discorreu-se sobre cultura, do mesmo modo que, falou-se de representação e, acerca da identidade e por fim, nos dedicaremos a seguinte proposta: apresentar algumas definições da semiolinguística da Análise do Discurso fundada por

Patrick Charaudeau (2012) juntamente com os escritos de Tzvetan Todorov *A conquista da América: a questão do outro*(2003). Visto que o objeto em análise trata da descoberta da América e, por ser no formato fílmico, a proposta do linguista Francês, em nosso entendimento, é a que melhor dá conta dos elementos discursivos existentes nesta obra cinematográfica.

O objeto em de nossa análise será o filme *1492 - a Conquista do Paraíso* de 1992 (conf. Imagem abaixo). O filme retrata a jornada de Cristóvão Colombo e sua descoberta do “Novo Mundo”. Este filme fora produzido em homenagem ao 500º aniversário de sua viagem e, conseqüentemente, de “sua descoberta”. Em termos cinematográficos, o filme foi classificado no gênero aventura/drama épico, pois narra a história deste navegador genovês e como ele, realiza sua saga rumo aos mares desconhecidos e acaba por fim, em terra de povos ameríndios.

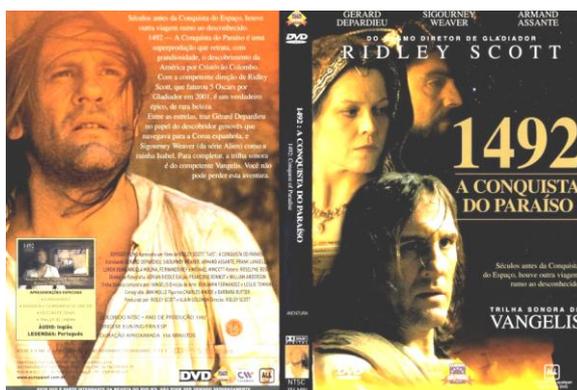


Figura 1- Capa do Filme

Neste sentido, cabe salientar algumas peculiaridades, que mais adiante iremos problematizar, mas que por hora é necessário mencionar, quais sejam: em uma varredura realizada sobre a descrição do filme e suas críticas, quase em sua totalidade descrevem este filme como uma narrativa da “*história grandiosa e heroica*” de um navegador que, ao se defrontar com povos nativos da ilha desconhecida (continente americano) o “*impacto surtido nos povos ameríndios em decorrência deste contato com o navegador genovês e sua tripulação*”. O que denota, desde já, peculiaridades que, pensa-se poder ser mais embasada à luz da obra de Todorov (2003) e que, para assinalar e analisar, devidamente, “de que fala e como fala” este filme, recorreremos à Charaudeau (2012).

Para tal, algumas elucidações teóricas se fazem necessárias. Parte-se do entendimento, com Charaudeau (2012, p. 43), de que todo “ato de linguagem” se trata

de um “ato interenunciativo”, envolvendo, deste modo, “uma produção e uma interpretação”, colocando de um lado, um EU enunciador para um TU destinatário e, do outro, um Tu interpretativo e um Eu comunicante. Para melhor explicar isto, o próprio linguista francês assim enuncia: “[...] o ato de linguagem não pode ser concebido de outra forma a não ser como um *conjunto de atos significadores que falam* o mundo através das condições e da própria instância de sua transmissão”. (IDEM, p. 20, itálicos do original)

Mas para que este ato linguageiro ocorra, são necessárias algumas condições, dentre elas, “o conjunto de possíveis interpretativos” os quais, é sempre sugerido pelo “contexto” no qual se é produzido o enunciado, visto que àquele se trata de uma tentativa de descrever algumas das representações coletivas construídas, através do discurso ou por outras circunstâncias (IDEM, p. 29).

No entanto, aqui nos deteremos a alguns elementos chaves, primeiro e o mais importante de seu postulado, é as “circunstâncias do discurso” (CD) que ele define como sendo:

[...] o conjunto de saberes que circulam entre os protagonistas da linguagem [...] as práticas sociais partilhadas; [...] os saberes supostos a respeito do mundo; as práticas sociais partilhadas; [...] saberes supostos sobre os pontos de vista recíprocos destes protagonistas; [...] os filtros construtores do sentido, que pressupõem uma discussão sobre a situação extralinguística [...]. (CHARAUDEAU, 2012, p. 32)

Tais circunstâncias se fazem no “jogo discursivo” e é por meio deste, que há uma “significação do mundo, através do sujeito”. Mais ainda, para o linguista francês, a “comunicação, enquanto reencontro dialético dos processos de produção e interpretação”.

Para Todorov (2003), a constituição da subjetividade se dá na relação dialética entre o Eu-Outro. Para este autor, em cada “outro” há um “eu”. E em mim “há um outro”, uma vez que eu sou heterogêneo. Neste sentido, “o ‘outro’ pode ser concebido no interior de um grupo ou em uma sociedade exterior” (TODOROV, 2003, p.3).

No entanto, para captar tais deslocamentos e constituições, segundo este autor, é necessário estabelecer algumas unidades, no caso: *tempo, espaço e ação* (IDEM, p. 5). E ele assim o faz.

Nesta aventura paradisíaca, de Colombo e seus europeus, Todorov consegue trazer a tona outros entendimentos que radicalmente, nos forcem a revisitar nosso

entendimento sobre a história do descobrimento da América. Pois, para ele, o que houve foi a “revelação e negação da alteridade”, pois que, neste encontro com o outro, este (ameríndio) não é reconhecido (por Colombo) e neste processo, é que se deu toda a construção da colonização na América.



Figura 2 - Primeiro encontro entre Europeus e Ameríndios.

A imagem acima é elucidativa, pois embora seja transmitida por um “EU enunciador” o qual busca transmitir uma linguagem discursiva na qual se chega ao clímax da aventura de forma gloriosa, aventureira e triunfante (Colombo e seus europeus), isto é, produz uma imagem que circula a ideia de que se tratou de uma viagem, uma aventura que, iniciada e conduzida por situações de provações chega ao clímax da redenção e da glória, apesar de um fim trágico para o navegador genovês. Trajetória esta que, pode ser simbolizada pelo *slogan* que em parte intitula este trabalho, a saber, uma trajetória marcada “*fê, trabalho e suor*”. Como a imagem a seguir sugere:



Figura 3 - Imagem sugerindo a gloriosa provação de Colombo

E é este tipo de mensagem, de ato discursivo que endereçada ao “TU destinatário”, o qual assim deveria interpretar aquele momento. Como uma ocasião única, memorável e determinante para o seu futuro “civilizador” (no caso os ameríndios)<sup>8</sup>.

<sup>8</sup> Tal enunciação pode ser também analisada, à luz de Charaudeau (2012) no trailer promocional do filme, disponível no *youtube* no seguinte *link*: <https://www.youtube.com/watch?v=94dY-QxjDiE>. Acessado em: 26/07/2016.

No entanto, no que diz respeito ao ato de interpretação (CHARAUDEAU, 2012), o “TU interpretante” e “EU comunicante”, levando em consideração o que já foi exposto acima, segundo Todorov (2003), de que houve na verdade uma negação do outro que, se deu, por um lado, como já dito acima, pela negação da alteridade, por outro lado, o que reafirma este entendimento é o que postula a semiolinguística.

Nesta perspectiva, é o ato languageiro que testemunha o mundo. (CHARAUDEAU, 2012) Logo, para que houvesse o reconhecimento do outro, como sujeito, o que lhe instituiria condições de produção de uma identidade e, antes disso, uma prática de significação que instituísse uma representação, o que, por conseguinte, permitiria que, na “diferença” do EU para com o “OUTRO”, àquela primeira fosse sendo produzida, seria necessário que houvesse um ato comunicativo, e isto não ocorre neste encontro, já que “Colombo não reconhece a diversidade das línguas” (IDEM, p. 42), negando consequentemente, o outro, o ameríndio.

Dito isto, o que se tem, bem da verdade, é que mesmo propondo aquela imagem de trajetória glorificada, o que se tem como TU interpretante e EU comunicante, é um “processo conquistador”, arraigado visto que o filme faz uso de música similar e convidativa a um estado de plenitude, de sagrado. Mais ainda, inúmeras tomadas de cena, ainda que busquem remontar o que possivelmente ocorrera de fato naquelas circunstâncias, remontam a um ideário medieval de heroísmo, como a cena abaixo:



**Figura 4 - Cena que demonstra uma interação amistosa na qual ambos se reconhecem.**

Ora, de fato embora a imagem sugira este entendimento de concórdia, reconhecimento da alteridade, da identidade, das práticas de significação, do lugar do sujeito neste sistema de representações, em uma determinada cultura (pois, o EU enunciador assim produziu para um TU destinatário), o fato é que isto não ocorreu, pois

ao constatar que um EU nega e não reconhece a língua do OUTRO, se desencadeia todo um processo de negação, de todos estes elementos acima descritos. Porém para que isto seja constatado, é preciso recorrer ao circuito do ato de linguagem de Charaudeau (2012).

Pois, para Colombo, os saberes a respeito do mundo, as práticas sociais, a possibilidade de haver uma cosmovisão específica, enfim, a possibilidade de que houvesse “processos e manifestações culturais” (SARAIVA, s/d), por parte destes povos nativos do Novo Mundo, para o navegador genovês não são reconhecidos, ou melhor, como Todorov (2013) reitera, é totalmente negada a existência do OUTRO.

### **Considerações**

Até aqui, buscou-se discorrer as possibilidades de análise do filme 1492-A conquista do Paraíso (1992), à luz do circuito de ato comunicativo de Charaudeau (2012). Levou-se em consideração, primeiramente, o EU enunciador e o TU destinatário, os quais foram endossados pela contribuição de Todorov (2003).

Entretanto, ao analisar-se mais detidamente o nosso objeto fílmico, no sentido do “ato interpretativo” (CHARAUDEAU, 2012), chegamos há algumas considerações:

- i. O filme busca retratar e narrar a saga europeia do descobrimento do Novo Mundo, em especial, à trajetória “heroica” de Cristóvão Colombo, suas dificuldades, suas incertezas, suas mazelas, seu triunfo, sua fé, seu trabalho, seu suor e sua emblemática missão de civilizar o OUTRO;
- ii. Enquanto EUenunciador, este sem dúvida nenhuma se trata de uma perspectiva eurocêntrica, com características conquistadoras, pois, além de conquistar terra e ouro, Colombo buscava também conquistar novos rebanhos para sua fé cristã.
- iii. A imagem e mensagem que este filme propõe e destina-se (TUdestinatário), seria para àqueles que conhecendo ou desconhecendo a narrativa histórica do descobrimento da América, pode vir a ser um sujeito que merece e deve focar-se em uma história, um acontecimento épico, glorioso, cheio de proações e expiações as quais podem ser vencidas se enfrentadas com “fé, trabalho e suor”;
- iv. No entanto, ao se pautar, tanto nos escritos de Todorov (2003), quanto na própria circunstância do discurso (CHARAUDEAU, 2012) fílmico, têm-se que, para o “TUinterpretante” [este com ser que age fora do ato de enunciação produzido pelo EU (IDEM, p. 46)]”, o filme apresenta um EUcomunicante,

enquanto “sujeito agente que se institui como locutor e articulador de fala” (IDEM, *ibidem*), caracterizado por uma excessiva perspectiva conquistadora, de colonizador, visto que, busca desconstruir toda e qualquer menção de uma perspectiva do conquistado, do colonizado, tratando como “mito” a história do OUTRO, de que, este episódio histórico fora marcada por atrocidades, por total desconsideração pelo OUTRO, que poderia ser aqui resumido na outra parte do *slogan* título deste trabalho, a saber, “*fogo, ferro e sangue*”. Visão esta que, torna-se mítica, já que no filme é visível a imagem de que “não se tratou de uma invasão mas sim de um descobrimento”. “não se negou a alteridade, a identidade e a subjetividade do outro, se civilizou e se imbuíu de alma todos àquelas criaturas destituídas de processos civilizatório”.

- v. Outro elemento constatado nesta análise, é que se sugere ter havido um “processo de aculturação” onde duas culturas distintas influenciam-se mutuamente. Visto que, desde a cena de chegada à Nova terra, foca-se na imagem de herói. Herói este que dobrasse por sua honra e moral agradecendo aos céus, por te-lo conduzido e ajudado a vencer as provações da viagem marítima. Também é identificável, o fato destas cenas iniciais, servirem de preparo para o leitor/receptor para tudo o que será feito nesta missão gloriosa de desbravar o Novo Mundo. As cenas de aculturação entre europeus e nativos em situações diversas (na caça, na pintura, na narração de trechos de cartas) é bem clara.
- vi. No entanto, o que ocorre, é um “processo de endoculturação”, na qual a cultura europeia se impõe sobre a cultura do nativo mesoamericano e o nega. Porém, mesmo havendo esta negação, para Todorov (2003) há ainda um processo de Hibridismo nesta relação, o que de fato é passível de constatação ao tomarmos o “circuito de ato de linguagem”, como roteiro de análise. É possível perceber esta própria situação no filme, pois “não há tradução e tradutor” nos intercâmbios realizados e liderados por Colombo com os nativos. Mais adiante no decorrer do filme, há a participação de um “nativo interprete” que, faz a mediação do europeu com os demais nativos, mas o que fica claro, é que, para Colombo não lhe interessa saber e compreender o que o Outro fala mas sim, ser compreendido por este Outro.
- vii. Ademais, outro episódio relevante é o da construção da igreja e da instalação do sino, corroborando com o nosso entendimento de que, para o europeu (e o

produtor do filme) se tratou de uma saga na qual tentaram trazer “fé, trabalho e suor” como elementos de redenção e de processo civilizatório.

- viii. No entanto, esta “proposta e postura” do europeu são rompidas a partir do momento que se inicia as guerras como fruto das tensões culturais (que, logicamente haveriam de ocorrer a partir do momento em que, deixa-se de negar os processos e manifestações culturais do OUTRO), situação esta justificável para que assumissem uma postura de genocídio. Tão evidente esta leitura e imagem produzida que, em determinado momento destas tensões, o nativo que guerreia é encenado com “baba, salivando excessivamente”, como se fosse um cão com raiva<sup>9</sup>, exemplo claro de uma proposta de estereotipação do “nativo enquanto selvagem”.

Por fim, acredita-se que, ao interpretar este objeto fílmico, à luz de um protocolo metodológico de análise do discurso como o proposto por Patrick Charaudeau (2012), permite-nos captar e apreender mais do que Enunciadores e Interpretantes. Permite-nos aprofundar entendimentos e reflexões sobre todo e qualquer objeto que apresente “circunstâncias do discurso”, como no que aqui se tentou exercitar a análise e uso deste profícuo instrumento semiolinguístico. E assim, percebe-se uma história valorizada a partir do *slogan* “fé, trabalho e suor”, ao passo que, à luz dos teóricos que nos respaldam, se constata uma relação dialética e vertical, na qual o verdadeiro *slogan* que melhor representaria tal embate seria “à fogo, ferro e sangue”.

## Bibliografia

CANCLINI, N. G. *Cultura Híbridas: estratégias para Entrar e Sair da Modernidade*. Trad. Heloisa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 3ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

CHARAUDEAU, P. *Linguagem e Discurso: modos de organização*. Coordenação da equipe de tradução Angela M. S. Corrêa & Ida Lúcia Machado. 2ª Ed. 1ª reimp. São Paulo: Contexto, 2012.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

---

<sup>9</sup> Conforme Wikipedia “A **raiva** (também conhecida como **rábica** ou, impropriamente, como **hidrofobia**), é uma doença infecciosa que afeta os mamíferos causada por um vírus que se instala e multiplica primeiro nos nervos periféricos e depois no sistema nervoso central e dali para as glândulas salivares, de onde se multiplica e propaga. Por ocorrer em animais e também afetar o ser humano, é considerada uma zoonose. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Raiva\\_\(doen%C3%A7a\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Raiva_(doen%C3%A7a)). acesso: 26/07/2016.

HALL, S. The work of representation. In: \_\_\_\_\_. *Representation: cultural representations and signifying practices*. London/TheLondon/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/The Open University, 1997. (Trad. Ricardo Uebel).  
\_\_\_\_\_. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

SARAIVA, J. I. A. *et al.* A interdisciplinaridade nos Processos e nas Manifestações Culturais. *PPG em Processos e Manifestações Culturais*. FEEVALE-RS. Disponível em: <https://aplicweb.feevale.br/site/files/documentos/doc/32051.doc>. Acessado em: 15/05/2016.

SILVA, T. T. da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

TODOROV, T. A descoberta da América In: \_\_\_\_\_. *A conquista da América: a questão do outro*. 3ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

## **FILME**

1492 – A conquista do Paraíso. O título do filme: 1492 - a Conquista do Paraíso (1492: conquest of paradise, 1992) Direção: Ridley Scott Elenco: Gérard Depardieu, Sigourney Weaver, Armand Assante, Ângela Molina, Fernando Rey, Tcheky Kario, 150 min. Vídeo Arte.